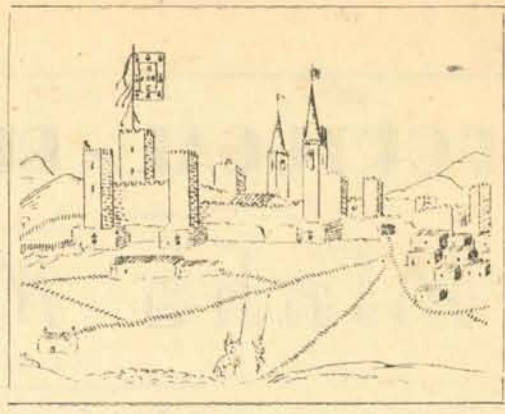


Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA G. GUERRA, N.º 1-B-1.º	Editor — ANTÓNIO CARMONA RIBEIRO PROPRIEDADE DA DIRECÇÃO	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO OFICINAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE
---	---	---



SILÊNCIO!

O Século XX, com o seu «tutti frutti» de enfatua-mento e presunção, as suas avalanchas ciclópicas de invenções e «modernismos», trouxe-nos também a mais completa mudança em todas ou quase todas as maneiras íntimas de ser, não exceptuando as velhas solteironas e as meninas casadouras.

Cosméticos, água de Colónia, coordenadas equatoriais das saias, cortes de cabelo, barbeamento de nu-cas, sovacos, bigodes, sinais; comidas à francesa, costumes à italiana, hábitos à sueca; quartos futuristas para velhos «canastrões», duros, rijos como atanados; pastas analgésicas, vaselinas esterilizadas para os «aches»; cremes para toda a hora; registo, por escrita em «partidas» dobradas, de todos os namoros, com a classificação dos simples candidatos, normas de concurso e cadernos de «encargos»; provisões de vestidos e meias-vestes; fundo especial para sapatos, chapéus, barretes e carapuças; verbas destinadas ao merceiro, à praça, às «instalações» em fim: um rosário de cantigas com que têm de fazer acompanhar a ode da vida, começada no berço com lamúrias e vagidos e finda na mortalha com o berreiro das vizinhas histéricas e das «amigas» oportunistas, que se pelam por toalhas de alinhavados, cobertores de barra, por tudo que lhes venha às mãos... Há concursos de beleza, vesperais, reuniões familiares, «assaltos» pelo Entrudo, perús pelo Natal, cabri-

tos pelo Ano Novo, filhós pela Páscoa.

Passeiam de verão, aproveitando as feiras, as festanças, os arraiais de toda a ordem, pelas cidades e arredores. Fazem excursões a terras distantes, com comes e bebes, hospedagens em automóveis e camionetas. Visitam lugares históricos, passam pelo Oeste para comprar louça das Caldas, regressam de Tomar com «fatias douradas», de Aveiro com «ovos moles». Voltam das praias com novos conhecimentos, novas amigas, novos namorados. Regressam das termas com as diabetes mais domesticadas, os rins menos relapsos, o reumatismo menos afiado. Trazem lembranças para toda a família, para as vizinhas, para as criadas, para os noivos sem emprego.

Tudo «está em dia», menos o cuidado, o pudor, a decência de pensamentos, a proporcionalidade de sentenças e de culturas.

Qualquer dura solteirona deste jaez, ou qualquer casadoura desta qualidade não sabe estabelecer os elementares princípios físicos e psico-fisiológicos entre o maquinismo dos seus sentidos e o adubo dos seus miolos.

Por isto mesmo são curiosas, apetecíveis até, namoradas talvez, gentis por transigência, finas por definição, cultas pela voz pública, artistas pelos figurinos em voga, titulares do «tutti frutti» deste século confuso e «modernista». Mas devem sempre conservar o silêncio.

Se falam...

A
N
O
B
R
E

L
I
S
B
O
A

D
E

S
E
M
P
R
E



Considerando o grande rectângulo, limitado a norte pela Rua de S. Julião, a sul pela Rua do Comércio, a nascente pela Rua dos Fanqueiros, a poente pela Rua do Ouro, e imaginando uma diagonal no sentido noroeste-sudeste, «grosso modo», aí teremos uma trajectória (embora aproximada) que nos indicará a velha Rua Nova, Rua Nova de El-Rei, ou ainda a Rua Nova dos Ferros, que a gravura representa.

Era ela um prolongamento da Rua da Calcetaria, mas a inflectir para sudeste; visinha do Chafariz dos Cavalos, da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, do Arco dos Pregos, do Arco dos Barretes, do Poço da Fotéa; e caminho direito para o Largo do Pelourinho, Rua dos Ourives, Alfândega Velha, Beco do Espera-me Rapaz, na Lisboa anterior à catástrofe de 1755.

Os perliquetes de hoje que pela zona passeiam, comendo pasteis na «Central da Baixa» ou contemplando libidinosos, libras de cavalinho, nos mostradores das casas de câmbio, não fazem a menor ideia destas adoráveis velharias.

Outros, embora deitando olho maroto às «Tágides» que passam, recordam sempre tudo isto, o inextricável, labirinto da Nobre Lisboa de Sempre, como ela foi até meados do século XVIII.

«Tempus edax rerum»!...

Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa

Pelo Dr. João Gouveia Tello Gonçalves

(Continuação do número anterior)

Vejamos o que nos dizem estes documentos: — O Mestre da Cavalaria da Ordem de Jesus Cristo D. Frei Estêvão Gonçalves comunicou ao alcaide, juízos e vereadores e concelho de Tomar que considerava serviço de Deus e benefício da Ordem que se cercassem as vilas de Castelo Branco e Nisa, como

tinha sido consentido e achado necessário por el-Rei. Para que estes povos pudessem levar a efeito estas obras de fortificação e porque estes se queixaram ao Rei de não poderem efectua-las por estarem esgotadas as suas possibilidades económicas, e pedirem por mercê que mandasse que fossem ajuda-

dos, no que foram atendidos, determinou o Mestre da Ordem de Cristo que os conselhos da Ordem e os freires, lhes dessem ajuda, pelo que mandou lançar uma Sisa sobre

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura

ÚLTIMA NOTÍCIA — Curso Unificado da Telescola no Externato de D. Dinis. Está aberta a inscrição. Autorizado pelo Ministério da Educação Nacional.

PORTUGAL - BRASIL

Minha Mãe

Por Cruz Magalhães

Mal uma dor o rosto me anuvia,
o seu olhar me envolve em tal conforto,
como o olhar suave de Maria,
quando fitava a Cristo semimorto.

E quando me contempla assim tremente,
ansiosa, diligente e condóida,
não sei o que minha alma absorta sente,
parece que me anima outra vida.

Então a crença, a indefinida essência,
quase dissipa a densa treva escura
que transformou a branca transparência
das minhas ilusões! Fugaz ventura!

Que sempre o teu divino olhar me afague,
fúlgida estrela, meu sonhado bem!
E nunca o teu piedoso olhar se apague,
O' minha boa, ó minha santa Mãe!

A velha Rua Direita

Por Maria Pinto

Adeus, rua da alegria;
adeus, oh! rua Direita,
tens a pedra estragadinha,
tens a calçada malfeita.

Tens gente bem divertida,
gente de boa vontade,
tens um rancho muito lindo
que é uma pura beldade.

E só Rodrigues Correia
à rua dá alegria;
se ele nunca cá viesse,
nunca o Rancho se fazia.

Tem fama o Rancho de Nisa
e não mais há-de acabar;
é um bem da nossa terra;
P'ra frente! Toca a marchar!

Namorem, mas vão ao Rancho,
que o tempo p'ra tudo chega.
É tão lindo o vosso traje,
à antiga portuguesa!

Então, o Rancho Infantil
bem nos faz admirar,
com suas modas tão lindas
que todos sabem dançar.

Na
Tipografia Nisense
aceitam-se
anúncios
para o

Correio de Nisa

As suas danças tão lindas
dá gosto vê-los dançar.
Isto honra o vosso Mestre,
isto não pode acabar.

Rua direita tão bela,
tu vás direitinha à Praça,
onde protege o Asilo
Nossa Senhora da Graça

Ali passa muita gente;
o Asilo vai visitar,
também passam pobrezinhos,
quando lá vão almoçar.

Ó linda rua, tens tudo;
não te falta mesmo nada,
também lá tens bons cultores
do fado e da guitarrada.

Acima de tudo isto,
tens a presença de Cristo,
tens a Igreja Matriz
onde Jesus vos bem diz,
Onde está Nosso Senhor
que morreu por nosso amor.

EFEMÉRIDES

Em 4 de Setembro de 1479, reinando D. Afonso V, é ajustada a paz entre Portugal e Castela.

Meteorologia Popular

Em Setembro vai andando e correndo, mas por vezes também ardem os montes e secam as fontes. No dia de S. Mateus, vindima o sudo, semeiam os sandeus.

O Relógio de Barro Pedrado

(Aos mestres oleiros nisenses)

Por Francisco da Graça Bagulho

(Continuação do número anterior)

Limpei primeiro o barro de areias e outras impurezas que trazia, amassei-o muito bem entre as mãos, dando-lhe a forma circular conveniente, e a seguir, com um pauzinho a servir de estilo, gravei primeiro os números indicativos das horas, depois, no lugar dos ponteiros, fiz dois traços um maior outro mais pequeno e em seguida, fui enchendo de pedrinhas os riscos das horas, tal como vira muitas vezes fazer às raparigas encarregadas de serviço análogo pelos mestres oleiros nisenses. Nos traços relativos aos ponteiros, coloquei dois pedacinhos de ardósia de feitiço apropriado, recortados, pacientemente, com o canivete que na escola me servia de apara-lápis, e para finalizar, pus ao centro, no vértice do ângulo formado pelos ponteiros, uma pedrinha branca maior que as outras.

Para finalizar, não! Faltava ainda aquela saliência arredondada, com estrias, que nos relógios de verdade serve para se lhes dar corda! Como arranjar qualquer coisa que pudesse simular tão importante e indispensável peça?

De súbito, lembrei-me que nas tapadadas confinantes, havia de sobra, o que me faltava para completar com perfeição a minha obra. E fui rapidamente, escolher um daqueles frutinhos capsulares secos de esteva, que todos os miúdos sabem fazer dançar como um pião pegando-lhe pelo pé e imprimindo-lhe movimentos rotativos entre os dedos polegar e médio, e, espetando-o no barro, no local adequado, dei finalmente por concluído aquele meu trabalho de alta precisão técnica, o qual, se algum defeito tinha, era de ser demasiado grande para um relógio de bolso...

Uma linda cebola de barro pedrado, poderiam talvez chamar-lhe os invejosos e mal intencionados, mas eu gostava tanto dele mesmo assim!

Restava-me agora um lugar digno, para pôr a secar aquela oitava maravilha do mundo!

Sendo a pedra local predominante, a ardósia, fácil me foi encontrar quatro placas desse material, e, junto de um muro com boa exposição aos raios solares, construí um abrigo da forma seguinte: pus horizontalmente, no chão, uma das placas onde deposei, com mil cuidados, aquela jóia acabada de fazer coloquei depois, na vertical, aos lados, duas outras placas ligeiramente metidas na terra e bem apoiadas ao muro, para não tombarem, acabando por tapar tudo com a última placa a servir de tecto. E ali iria ficar o meu querido "relógio", durante vários dias, até secar por completo, para depois o usar orgulhosamente, deslumbrando — assim o esperava — os meus mais exigentes companheiros de folia.

Fui depois para casa, por ser já quasi sol posto, e nessa noite, mal pude conciliar o sono, a pensar no meu extraordinário invento!

Daf em diante, não faltei um só dia no báculo.

Chegava, destapava aquela espécie de forno solar e ficava-me a olhar embevecido, o seu conteúdo, sem ousar tocar-lhe, para o não danificar.

E assim, pouco a pouco, à medida que ia desidratando, o barro perdia o tom escuro que tem todo o barro húmido, para ganhar aquela cor avermelhada *sui generis* da olaria nisense.

Até que, um certo dia que ainda hoje recordo com emoção, dando a secagem por acabada, guardei o "relógio" e pus-me a caminho da vila com o meu tesouro no bolso, e uma grande, uma enorme alegria no coração, sem que nada me fizesse suspeitar da tragédia que dentro de alguns minutos iria acontecer!

Não tiveram conta as vezes que, durante essa marcha triunfal, eu tirei da algibeira o meu adorado, o meu lindo "relógio", não só para ver as horas, sempre as mesmas, sempre certas, mas também para ouvir (e é que ouvia mesmo, embora custe a acreditar) o tic-tac da sua nova e bem lubrificada máquina!

Estava uma tarde quentíssima! Ao passar pela fonte da Aluada que ficava no meu trajecto, desedentei-me na sua fresca limfa, e, para chegar mais depressa a casa que era na Rua da Misericórdia, meti logo por uma daquelas azinhagas que ficam à esquerda de quem sobe a rampa que desde a fonte nos conduz à estrada das amoreiras, atalhando pelo Santo Menino.

Meu pai, entregue ao seu labor cotidiano, esperava cheio de curiosidade, pelo meu regresso, para poder, enfim, apreciar o já célebre "relógio", do qual tantas vezes lhe havia falado com entusiasmo, e eu, logo que cheguei, na ânsia de lho mostrar, tirei-o do bolso com tal precipitação, que, desastrosamente o deixei escapar das mãos sobre a soleira da porta, onde se desfez em mil pedações!!

E enquanto meu pai e os miónes que na loja havia quase sempre a vê-lo trabalhar, riam com vontade, eu chorava amargamente o desfazer inopinado de um dos maiores sonhos da minha infância, que, só muitos anos mais tarde, já em Lisboa, veria realizado, quando pude, finalmente, comprar um relógio verdadeiro.

F. BAGULHO

HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE NISA

CONSULTA DE OTORRINOLARINGOLOGIA

(Ouvidos, nariz e garganta)

Todas as 2.^{as} e 4.^{as} Quartas-feiras de cada mês, às 9,30 horas

Pelo: Dr. José Joaquim Afonso
de CASTELO BRANCO

AS TUAS MÃOS...

As tuas mãos brancas, finas,
São, infladas, purpurinas,
Encantos que Deus te deu
E que ditam, com tristeza,
Murmúrios vãos de incerteza,
Penas tuas, sonho meu...

As tuas mãos feiticeiras
São alegres mensageiras
De uma voz de caridade!
São expressão inocente
De tudo aquilo que sente
O Coração na Saudade!

Nisa - Agosto - 1965

ILÍDIO NOGUEIRA LEITÃO

"Pontos nos ii"

O Sr. Francisco da Graça Bagulho disse-nos, no «post scriptum» da sua primeira colaboração que não faz «o menor empenho» em ver «aqueles» seus versos publicados no jornal.

Para quem tenha «vista» não é necessária apostila.

Mas, como se trata de escrita e não de oralidade, há que fazer pequena divagação. Num grande número de casos, a Fonologia interpreta a Sintaxe; e a Acústica é fonte de antonímia.

Por outro lado, um ser pode não ter existência real e uma realidade pode não existir, talqualmente o que «lê»... e não compreende.

Imaginemos um diálogo, daqui a dois séculos, na Biblioteca Municipal de Nisa, no dia da inauguração.

À ENTRADA

Leitor — Dá-me licença que requisi-te uma Gramática de Português? Bibliotecário — Pois não!
(Este «não» quer dizer «sim».)

À SAÍDA

Leitor — Dá-me licença que rasgue esta gramática? Bibliotecário — Pois sim!
(Este «sim» quer dizer «não».)

Semelhançamente, o Sr. Bagulho, quando «transgrediu» o «fatal aviso», não transgrediu; e teve o maior empenho em ver as suas produções nas colunas do jornal, não por vaidade, pois bem modesto se mostra, mas pela sua Terra, e pelas saudades dum tempo que não volta mais, sem falarmos do carinho e da compreensão que sempre tem mostrado pelo «Correio de Nisa».

E nem só ele tem empenho; nós ainda temos empenho maior, para que nos honre com os seus trabalhos.

Continue, Sr. Bagulho a «transgredir», porque não transgredir.

E cá ficamos à espera das suas novas «transgressões», com o maior empenho. Seu e nosso!.

"O Correio de Nisa"
vende-se na Tip. Nisense

«O TEMPORA»!

Para o lar de uma cachopa
que nasceu ha cem anos

(respeitamos a ortografia)

Relação dos objetos que Antonio Diniz Tremosso e Benifacia Maria Beirã dão a sua filha Catherina Diniz, solteira, maior de vinte e hum anos.	
Hum leite ou assente de cama de ferro	7\$000
hum Enxerga de estopa	1\$800
hum colção	2\$000
ceis Lençoes de estopa a oito centos reis cada hum	4\$800
hum lençól de linho com guarnição de cruxél	1\$800
hum lençól de linho com fxa 3\$000	
trez lençoes de linho no valor de	4\$0 0
hum Entre cama	1\$000
mais outra dita	1\$2 0
mais outra tambem dita entre cama	1\$500
mais outra entre cama	3\$000
hum fronha cru	1\$500
mais outra dita fronha	1\$500
mais duas traveceirinhas	1\$500
hum toalha de mão	0\$400
dois guardanapos de linho	0\$240
mais dois ditos de estopa	0\$240
dois cobertores azues com fxa	10\$000
hum bacía	0\$500
hum toscó	0\$700
hum Almofariz	0\$600
dois castiças	0\$800
trez pratos grandes de estenho	2\$700
ceis trinxos ou pratinhos de estenho	1\$500
dois Picheis de estenho	1\$600
mais toda a louça da cantareira	9\$000
hum Gomil de estenho	1\$000

ceis camisas por	3\$000
hum Saia azul de trez panos	2\$800
mais outra dita saia azul de dois panos e meio	2\$800
mais uma saia de catimbão de trez panos	2\$400
mais outra dita saia de catimbão de dois panos e meio	2\$400
mais outra saia de pano verde	3\$000
mais hum xale inteiro	1\$500
mais hum gar de sapatos de polimento	0\$600
mais hum Arca	3\$300
hum meza pequena	0\$600
duas cadeiras	0\$600
hum esquento por	1\$600
mais hum meza grande	1\$600
mais hum taboleiro	0\$200
mais hum arca pequena	0\$900
mais tendal, Peneiras, garfos, faca, colheres e candeias, soco, e serrador tudo	1\$100
mais duas cobertas para resguarda das arcas	0\$240
mais toda a ferragem pertencente ao lume	0\$600
mais hum coberta da Espenha	2\$500
mais hum outro lençol com renda de rebolo	3\$000
mais hum cordão de Ouro com o pezo de	4\$500

Em tempo, ainda se declara que tem o aumento de «hum mantilha de pano preto no valor de mil e secentos reis».

A data é de Niza 24 de Agosto de 1886.

Adivinhação

(N.º 8)

Sendo eu dama tão modesta, que até de meu pai me evito; descobrir meu rosto ao mundo todos os dias repito

Com linda face vermelha cada dia me apresento; porém todos me vêm pouco, pois duro um breve momento.

E' tal a minha desgraça, que só eu não tenho estrela; pois de mim todos se escondem, quando mostro a face bela.

(Veja-se a solução noutra página)

Em Férias

O nosso muito presado amigo, Sr. Tenente Rui Loução, acompanhado da Ex.^{ma} Esposa, anda em viagem de recreio pelas paradisíacas Baleares, antigo refúgio de génios célebres que por lá viveram dias de inefável prazer espiritual.

Aos jovens esposos, duplamente jovens por dourada mocidade e inegáveis qualidades morais, daqui enviamos, muito sinceramente, as nossas melhores saudações, desejando-lhes plena fortuna nesse ridente oasis de Ventura e de Paz, à beira do Mediterrâneo Azul.

Correio de Nisa

Pedimos aos Srs. assinantes residentes em Nisa que mandem pagar as respectivas assinaturas do Jornal.

As Festas no Mercado

Continuam com êxito as diversões em benefício da Misericórdia e da Banda de Nisa.

NOVOS ASSINANTES

José Maria Cartaxo
António Capela Silva
Eng. João Maria Póvoa
António da Piedade Lobato
António Miguéns Casimiro
Manuel Carita Pestana
José da Cruz Beato.
Virgínia Sampaio Caldeira
João Dinis Cartaxo

ARRENDAM-SE

2 tapadas situadas no sítio de Nossa Senhora da Graça.

Dirijam-se a:

Carlos Justino de Sousa — NISA

Conhece este trecho?

INÊS — Ora este caminho é comprido, contai uma história, marido.

PERO — Bofá que me praz, molher. INÊS — Passemos primeiro o rio descalçai-vos. Assi ha de ser.

PERO — E pois como?

INÊS — E levar-me-eis no ombro nam me corte a madre o frio. Põe-se às costas do marido e diz: Assi.

PERO — Ides à vossa vontade?

INÊS — Como estar no paraíso.

PERO — Muito folgo eu com isso.

INÊS — Esperade ora, esperade. Olhai que lousas aquelas, pera por as talhas nelas!

PERO — Quereis que as leve!

INÊS — Si, uma aqui outra aqui. Oh como eu folgo com elas! Cantemos.

PERO — Se vós quereis?

INÊS — E vós me respondereis a tudo quanto eu cantar: «pois assi se fazem as cousas». Canta Inês Pereira: «Marido cuco me levades. E mais duas lousas».

PERO — Pois assi se fazem as cousas.

INÊS — «Bem sabedes vós, marido, quanto vos quero sempre foste percebido para cervo.

Agora vos tomou o demo com duas lousas».

PERO — Pois assi se fazem as cousas.

INÊS — «Bem sabedes vós, marido, quanto vos amo, sempre foste percebido pera gamo.

Carregado ides, noss'amo, com duas lousas».

PERO — Pois assi se fazem as cousas.

E assi se vam, e acaba a dita farsa.

E o autor?

Evoca-se hoje a figura do mais extraordinariamente fecundo comediógrafo português, considerado, com justiça, o fundador do nosso teatro.

Ignora-se a data do seu nascimento, embora haja motivos para a supor compreendida entre os anos de 1470 e 1475; igualmente se desconhece o lugar de nascimento, embora pela linguagem utilizada na sua obra se tenha concluído que deveria ser natural da Beira.

A sua actividade literária iniciou-se em 1502 com a representação do «Monólogo do Vaqueiro» e prolongou-se até 1536. Foi autor de numerosos autos e farsas nos quais se observa um pendur moralizante ao lado de uma pujante veia satírica e cómica perpassada pela suavidade de um lirismo por vezes filosófico. Também na sua obra se revela uma grande liberdade de caracterização de altas personagens e plebeus, aliada a grande soltura de linguagem.

Não restam dúvidas acerca da identificação do poeta com o lavrante da custódia de Belém, a qual terminou em 1506. Data de 1509 a sua nomeação para vedor dos trabalhos de ourivesaria para o Convento de Tomar e mosteiro de Santa Maria de Belém.

Em 1512 foi eleito para a Casa dos Vinte e Quatro e, no ano seguinte, nomeado Mestre da Balança, lugar correspondente ao do actual director da Casa da Moeda.

Faleceu em Évora, possivelmente em fins de 1536.

A solução deve ser procurada numa das páginas deste jornal.

Para Além da Morte...

UMA MEMÓRIA

A notícia correu célere! O José Augusto tinha sido vítima dum brutal acidente. Quando o soubemos quase não queríamos acreditar. Poderia lá ser, que tal houvesse sucedido. Infelizmente aconteceu! O José Augusto, o Alferes Basso, tinha caído perante a trajetória dum bala que o Destino cruel lhe havia destinado. Falar do homem, como ser terreno, será difícil porque as suas preocupações eram só de espírito.

Talvez o possamos classificar de místico!

Sem deixar de cultivar o bem e o amor ao próximo ele era um autêntico amigo do seu inimigo e amigo.

Ele esteve aqui: estas paredes, estes claustros, estas paradas e muitos nós

ainda o conhecemos. Homem de alta formação moral e religiosa que considerava sempre um inimigo um amigo: — um irmão nos conceitos divinos.

Nunca regateando a sacrificios que lhe fossem exigidos ele cumpria sempre, e com espírito alegre e de autêntico camarada militar, tudo o que lhe era determinado. A sua carreira temporária, porque prestava a sua obrigação normal de serviço, não o inibiu, no entanto, de que aperfeiçoasse os seus conhecimentos ao máximo. Visitava Angola Sua Excelência o Presidente da República Senhor Almirante Américo Tomás quando o brutal acidente de que havia de ser vítima o atingiu. Era em 16 de Julho de 1964.

Após um ano do seu falecimento, o Batalhão de Caçadores n.º 6, que, orgulhosamente o teve nos seus quadros, evoca-o com a maior saudade, com a certeza de que Deus, na sua Onnipotência, lhe terá feito ocupar um lugar reservado aos eleitos.

Outro dos bons e que não mais esqueceremos: — O Alferes Veríssimo Baptista deu a vida em holocausto à nossa querida Pátria.

A confirmar o alto valor de que deu provas na sua nobre missão de combatente em África, temos a subida honra de transcrever o louvor que, a título póstumo lhe foi conferido por sua Excelência o Senhor General Comandante da Região Militar de Angola redigido nos seguintes termos:

Que, por S. Ex.^a, o General Comandante da Região por seu despacho de 6 de Maio 65, louvou:

«A título póstumo, o Alferes Miliciano, Fernando Veríssimo Mendonça Baptista, da CCAV630/BCAV631 oficial desembaraçado e disciplinado e de acentuado espírito militar.

Com elevada noção das suas responsabilidades tinha sempre primorosamente organizados os serviços a seu cargo, procurando como oficial mais antigo da sua Companhia estar sempre a par de todos os assuntos e comandando-a com sensatez e inteligência na ausência do Capitão comandante efectivo.

A alta noção dos seus deveres de Chefe levaram-no, durante uma operação, na qualidade de oficial de minas e armadilhas, a assinalar aos militares o local cal onde estava montada uma armadilha, abnegadamente colocando-se junto dela com a única preocupação de os defender do perigo, no qual, por grande fatalidade, veio a ser vítima, não sem que, com a sua atitude, tenha limitado as baixas e dado a todos estimulante exemplo».

J. BALONAS

F O G O!

★

Para os lados de Amieira, no dia 25 último, manifestou-se um incêndio que foi prontamente dominado.

EXTERNATO DE DOM DINIS — Posto de Telescola

MATRÍCULA 50\$00 — PROPINA MENSAL 100\$00

DOCUMENTOS

Boletim de inscrição, com um selo de 30\$00, certidão de exame de Admissão ao Liceu ou ao Ensino Técnico Profissional, certidão de idade, atestado médico comprovativo de que o aluno não sofre de doença contagiosa e que foi revacinado dentro do prazo normal, Boletim de inscrição no posto de recepção, Bilhete de Identidade. Os maiores de 18 anos estão dispensados do exame de admissão. PRAZO de 1 a 15 de Setembro.

Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa

(Continuado da página 1)

o cereal, o vinho e a carne; mandou que se arrecadasse o que sobejasse dos Hospitais, dos Albergues e das Gafarias que a Ordem mantinha, bem assim o que ficasse dos Resíduos dos Testamentos e que tudo se guardasse numa arca de 3 chaves até perfazer a importância de 600 libras.

Uma das chaves ficaria em poder de João Lourenço, procurador do concelho que cobraria esses direitos, outra em poder do Tabelião, Aires Peres que os contabilizaria, ficando como depositário do dinheiro e com a terceira chave o mercador João Martins, devendo contudo os juizes fazê-los jurar aos Santos Evangelhos que bem e direito tinham de tirar estes dinheiros, que deviam estar recolhidos de forma que fossem entregues para os labores dos muros, da seguinte maneira.

Uma terça parte pela Páscoa próxima, outra terça parte pelo S. João e a outra terça parte pelo Natal.

Toda e qualquer importância que fosse recolhida, superior às 600 libras estipuladas, ficavam os depositários inibidos de a utilizar até que o Mestre determinasse a sua aplicação.

Não foi de boa mente que os de Tomar aceitaram o encargo de contribuir para a realização destas obras; duvidaram que a resolução do Mestre da Ordem tivesse o consenso régio, pelo que lhes foi comunicado que o perguntassem a el-Rei, dando os documentos a notícia das sanções aplicadas a quem quisesse esquivar-se ao pagamento da Sisa e a quem não cumprisse o que se mandava.

Um dos documentos foi dado em Estremoz aos 2 dias de Janeiro do ano de 1343 e o outro em Vila Viçosa, no mesmo ano, a 19 de Janeiro.

(Continua no próximo número)

Novo Rumo

Acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa e Filhas, retirou para o Porto, onde todos vão fixar residência o Sr. António José Pereira de Matos. Ficamos a desejar-lhes as maiores felicidades.

INCÊNDIO

Mais outra vez o fogo surgiu na Amieira do Tejo.

Os Bombeiros, depois de vencerem as dificuldades de pôr o carro a trabalhar, partiram sem demora, e, como sempre, dominaram as chamas.

Solução da adivinha: AURORA

Solução de «Conhece este trecho?»
Farsa de Inês Pereira — Gil Vicente

NISA

Roteiro para uma visita

Por Fernando Portugal

Ao viajante que percorre o país de automóvel, ficará certamente ignorada esta vila, pois a estrada principal não a atravessa, antes lhe passa ao lado, ou quase.

E acreditará, embora erradamente, ter havido da parte do nissorro o envergonhado cuidado de esconder aos olhos forasteiros precisamente aquilo que eles mais apreciam: manifestações artísticas e históricas. Assim, só quem se dirige expressamente a Nisa, ou af estaciona por qualquer motivo imprevisto, conhece, a pequenissima distância da estrada que vinda de Lisboa aqui obliqua para Castelo Branco, o largo principal onde a Porta da antiga vila, pelo forfe contraste que exerce, logo desperta e prende a atenção.

A este propósito não podemos calar a nossa discordância de Luis Keil quando, no seu magnífico «Inventário Artístico de Portugal — Distrito de Portalegre», considera «impróprios e em manifesto desacordo com o ambiente» os restauros modernamente efectuados pela D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais na referida Porta. Entendemos, muito pelo contrário, como seria altamente valorativo para a urbanização e turismo da vila o desafogo das suas torres laterais (guardas), de modo a permitir mais compreensiva visão de conjunto. De resto o ambiente da Praça Mousinho da Silveira é bastante diferenciado, visto termos ao lado de uma porta do séc. XIV, um palácio do século XVIII e vários edifícios dos sécs XIX e XX. Nem sabemos por onde começar a notar o desacordo...

Porém, uma vez entrada a Porta da Vila, nova manifestação histórica será possível se houver da parte de uns tantos espíritos activos e empreendedores, o perfeito discernimento das superiores conveniências da terra que lhes foi berço. Referir-nos, e nunca nos cansaremos de o fazer, à Igreja Matriz e à sua torre sineira medieval, presentemente oculta sob a massa de posteriores alterações, mas sem dúvida a construção mais antiga dentro do velho burgo afonsino.

Antevemos, pois, o belo espectáculo para o visitante que, tendo contemplado a Porta da Vila, logo dela avistaria a torre sineira da Matriz e, de mais perto admiraria a amplitude do arco ogival que lhe cava uma das faces, e a abertura, lá no alto, que conviria prover de ombreiras e arco (1). Seria como ir de surpresa em surpresa que encontraria eco nos inúmeros portados ogivais, de impostas simples ou decoradas; nas ruelas floridas onde o transeunte apreciará, também, algumas portas joaninas, mas em estilo acabadamente «manuelis-

no»; a peregrina olaria de variado desenho e decoração vegetalista, num curioso embutido de pedrinhas brancas; o poço medieval que amplo e fundo abastecia a população do raro líquido em caso de as-séδιο (2); troços de grossissimas muralhas, ainda com seus adarves; conhecerá os topónimos de «os postigos», de «a porta de João de Évora», recordações plangentes dum passado glorioso; escutará os arrastados pregões, entoados numa cadência de velha melopeia, tão diferentes dos lisboetas para, finalmente, desembocar na Porta de Montalvão, considerada «Monumento Nacional» por Decreto de 4 de Julho de 1922.

De cada lado desta, tal como na Porta da Vila, adiantam-se as guardas, infelizmente encobertas pelo casario que se lhes arrima e as submerge. Um pouco à direita ergue-se a única torre existente no ângulo das muralhas. Altíssima e colocada sobre ásperos rochedos de granito, surge ainda imponente e agressiva. Porém — e como isso nos dói —, essa presença dos guerreiros de antanho, sentinelas de um Portugal zeloso da sua independência, está confrangedoramente arruinada. Conviria, pois, socorrê-la quer provendo-a de eirado que coroando-a de ameias, quer limpando-a de ervas daninhas que interiormente a infestam e constituem, sempre, um elemento de desagregação e ruína (3).

E ocorre-nos pôr à disposição de quem de direito, a notícia de mais uma Porta, além das já classificadas, embora de menor interesse, que descobrimos meio soterrada, servindo de capoeira, e cuidamos ser a de São Tiago, embora o afirmemos sob reserva.

Mas não parta o visitante desta perfumada vila alentejana, não a abandone sem ter relanceado os olhos para uma pequenina fonte que lhe fica já na estrada para Lisboa, e sobre a qual tanto gostámos de ver interessados os serviços da já citada Direção-Geral. É a Fonte da Pipa, preciosa jóia do renascimento português, graciosa na figura do seu talhe, nas suas proporções, e elegantíssima nas suas colunas jónicas e no entablamento, todo ele percorrido por delicado frizo de óvulos, encanto de um riso cristalino, do marulhar das suas águas a desejarem feliz regresso...

FERNANDO PORTUGAL

(1) Quando das obras da Igreja Matriz discutiu-se a possibilidade de a escadaria interior da torre sineira descer até ao nível do solo. Defendemos essa hipótese e estávamos em erro. Hoje sabemos que finda no alto, e nisso vemos uma prova concludente do medievalis-

Nos Domínios da Cultura

Do nosso ilustre consócio dos «Amigos de Lisboa», Sr. Dr. Júlio Eduardo dos Santos, distinto olisipógrafo, recebemos, com dedicatória que muito nos desvanece, um exemplar do seu trabalho «Evocação dos Escritores Lisboetas Cardoso Gonçalves e Cruz Magalhães».

Conferência proferida no Serão de Arte, promovido pelo grupo «Amigos de Lisboa», em Abril de 1964, trata-se de uma obra de elevado mérito, pois que, além da dignidade da investigação e da delicada contestura, vem prestar justíssima homenagem a notáveis homens de raro quilate intelectual, arrebatando-os do injusto olvido e fornecendo aos portugueses de hoje, notícias perfeitas de dois líndimos portugueses de ontem e de sempre.

De Cardoso Gonçalves, diz-nos o autor: «Além de colaboração em várias revistas do País e do Estrangeiro e de assaz numerosas obras de temas pedagógicos ou de divulgação, publicou valiosos estudos (quase todos apresentados à Associação dos Arqueólogos Portugueses, de que foi sócio titular) sobre «O Missal Pontifical de Estêvão Gonçalves Neto»; «O



João Carita Polido

AGRADECIMENTO

Sua família, receando cometer qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas, serve-se deste meio para agradecer a todas as pessoas que por qualquer forma a acompanharam na Dor.

A todos bem hajam.

mo dessa torre. Mas noutra ocasião voltaremos ao assunto.

(2) Quando há anos preparámos este texto ainda o poço medieval existia e por isso o incluímos entre os motivos dignos de uma visita. Posteriormente, como se sabe, este poço foi entulhado.

(3) Já neste periódico, e pela voz autorizada do seu Director, se chamou a atenção da D. G. dos Edifícios e Monumentos Nacionais para a lástima em que se encontra o interior da Torre de Montalvão.

Estas linhas, escritas anos atrás, não perderam, infelizmente, oportunidade.

Lapidário del Rey D. Alfonso X el Sabio»; «O Casamento de Isabel de Portugal com Filipo-o-Bom, Duque de Borgonha, e a Fundação da Ordem Militar do Tosão de Ouro»; «A Bíblia dos Jerónimos e o Mestre das Sentenças» e o «Apocalipse de Lorvão». E, a terminar: «Bendígonos a memória de Cardoso Gonçalves que, com perseverança e rara distinção bem serviu a cultura portuguesa e enternecidamente amou a sua terra natal!»

Sobre Artur Ernesto Santa Cruz Magalhães: «A posição honrosíssima que conquistou no nosso meio social dimanou quase exclusivamente de duas valiosas atitudes: a sua insistente campanha camiliana, iniciada e mantida com assinalado entusiasmo, e a criação do Museu Rafael Bordalo Pinheiro».

Bem haja o Sr. Dr. Eduardo dos Santos, pela gentileza da sua oferta primorosa e pelo que nos veio ensinar.

Na nossa modesta «sala de visitas» que é a secção Portugal-Brasil, onde já tantos astros têm brilhado, publicamos uma enternecedora composição» de Cruz Magalhães.

Música no Jardim

Na última quinta-feira a Banda Municipal de Nisa, sob a habil direcção do Sr. José Maria Portalete, deu um concerto no Jardim do Rossio, com o programa seguinte:

1.ª Parte

Tomarense (marcha)
Esmeralda (fantasia)
La France (suite)
Festa Campestre (ouverture)
Esboços Sinfónicos

2.ª Parte

Pepita Greus (passo doble)
Suite Portuguesa
Menina X (marcha)

O público afluíu em grande número, o que não admira, pois Nisa teve e tem uma grande paixão pela arte de Orfeu. Pena é que a nossa Banda não disponha dos necessários elementos materiais para uma audição pública semanal, nas noites cálidas do Estio e nas tardes douradas do nostálgico Outono.

Anteontem, o Jardim, em geral sorumbático e dorminhoco, viveu momentos de verdadeira euforia. Até os namorados tinham olhares mais profundos e quase se ouvia o palpar dos corações.

Bendita seja a Música!